

Pierre Bourdieu e o campo da Educação: Entrevista com Ione Ribeiro Valle

Pierre Bourdieu and the Field of Education: An Interview with Ione Ribeiro Valle

Entrevista com:

Ione Ribeiro Valle


Possui pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris (2014). Na Universidade Federal de Santa Catarina, atua na Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: ione.valle@ufsc.br.

 0000-0001-7496-3959

Entrevista concedida à:

Tatiane dos Santos Virtuoso

Mestra em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: prof.tativirtuoso@gmail.com

 0009-0003-5811-8749

Kleberon Rodrigo do Nascimento

Especialista em Antropologia Cultural e Social, Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: kleber.nas@unescc.net

 0009-0000-0924-9441

Vanessa Santos Vincente

Graduada em História, Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: Vanessavicentte@hotmail.com

 0009-0008-7920-3471

DOI: 10.18616/rdsd.v10i2.8974

Recebido: 21/06/2024

Aprovado: 13/08/2024

1. Pierre Bourdieu e o campo da Educação

Na entrevista, Valle discorre acerca de sua trajetória escolar e acadêmica. Os entrevistadores a questionam sobre os desafios de uma mulher no campo da pesquisa, sobre a ponte Paris - Brasil, que acontece a partir da experiência de doutoramento em Ciências da Educação pela Université René Descartes - Paris V Sorbonne, momento a partir do qual passa a ser uma estudiosa da obra bourdieusiana, após participar de cursos ministrados por Pierre Bourdieu.

1.1 Pierre Bourdieu: reflexões com Ione Ribeiro Valle

Pensando na cartografia da obra de Bourdieu, na descrição das principais etapas da trajetória intelectual e profissional e nos engajamentos políticos e sociais dele, gostaríamos de saber sobre o seu encontro com Bourdieu e sobre as suas produções a partir da obra desse autor.

Eu tenho me dedicado não apenas a ler as obras, mas, também, a escrever e publicar artigos, e isso começou com a intenção de ajudar os meus alunos, ou seja, foi ao elaborar os slides para os cursos de pós-graduação que eu ministrava desde a Udesc. A partir dos slides, eu acabei produzindo alguns artigos. Tenho me dedicado às obras, especialmente aquelas mais diretamente vinculadas ao campo educacional, mas não apenas. Pela potência que eu ainda vejo na obra de Bourdieu, continuo descobrindo-o à medida que vou lendo novos textos ou relendo textos já conhecidos. Bourdieu tem potência e contemporaneidade, sua obra não nos permite fazer uma transposição mecânica de conceitos. Quem faz isso não entendeu o pensamento de Bourdieu que enfatiza o pensar relacional, o olhar minuciosamente o contexto. É uma obra que tem muita potência, mas que exige muito fôlego do pesquisador.

Meu contato com Bourdieu foi na França, como já disse, principalmente durante o segundo ano de estudos. Cheguei em Paris em 1997, então, em 1998, já estava mais familiarizada com o campo acadêmico. Naquele momento, eu entendi que, como aluna da universidade, eu poderia cursar qualquer disciplina, em qualquer instituição francesa, na qualidade de aluna de uma universidade francesa. Ao me informar com o meu orientador sobre o que era preciso fazer para cursar uma disciplina com Bourdieu, professor do Colégio de França e não da Paris V Sorbonne, onde eu cursava o doutorado. Meu orientador disse que a única coisa que eu deveria fazer era enviar uma cartinha, mas, também, se não quisesse enviar nada e fosse lá somente assistir, estava tudo certo. Porém, considerava que enviar uma cartinha seria mais interessante. Era a época em que as cartinhas iam pelo correio e a resposta também voltava pelo correio. E voltou, com o professor dizendo que eu poderia assistir aos seus cursos. É, na verdade, um movimento bastante diferenciado do que vivemos

aqui. Quando fui cursar a disciplina com Bourdieu, eu já tinha me esforçado para ler algumas de suas obras, mas ainda tinha muitos limites com a língua. E ler Bourdieu em uma língua com a qual você tem uma familiaridade bastante reduzida, significa ir lendo e fazendo traduções simultâneas de cada termo. E os livros de Bourdieu são aqueles "tijolões", portanto, não foi um processo fácil, mas foi extremamente desafiador. Assistir às suas aulas, aos cursos, como ele chamava, foi uma experiência extraordinária, porque tinha pessoas de muitos lugares do mundo, estudantes de todos os níveis de formação e diferentes culturas linguísticas. A compreensão, evidentemente, não era assim tão perfeita, mas só de compartilhar esse espaço, que era uma sala de aula não muito diferente das nossas em tamanho, mobiliada apenas com uma mesa oval e cadeiras ao entorno, o que exigia que as pessoas se sentassem em todos os lugares que vocês possam imaginar: nos parapeitos de janela, no chão, na porta, tentando ouvi-lo, porque era muita gente. Era muita gente querendo assistir Bourdieu, ouvir Bourdieu. Fiquei dois anos assistindo aos seminários. Isso foi extremamente enriquecedor e motivador para que me dedicasse a uma leitura mais sistemática da sua obra sociológica.

Porém, não dá para estudar Bourdieu sem fazer uma espécie de cartografia. Os alunos da graduação sempre perguntam por onde começar - e começar um estudo de uma obra de grandes autores é sempre uma coisa complicada, para tanto, a gente tem que tentar entender a trajetória do autor mas da própria obra. Isso pode acontecer com Foucault, com todos os grandes pensadores. É sempre uma dificuldade saber qual a primeira obra que vai conduzir o pensamento. Bourdieu primeiro lança uma noção e depois essa noção vai sendo lapidada até se tornar um conceito, ou seja, ele vai lançando termos em falas, em aulas, em pequenos textos e, depois, vai lapidando-os nas obras seguintes. Por exemplo: sobre o conceito de *habitus* você precisa passar por várias obras e tentar, de certo modo, acompanhar esse movimento de lapidação do termo que vai sendo produzido até se tornar conceito.

A impressão que dava era que Bourdieu lançava termos nos cursos, esperava um pouco o seu efeito e depois investia na formulação de um conceito. Portanto, para se fazer a leitura de um modo um pouco mais elaborado de uma obra dessa envergadura, se faz necessário construir uma cartografia. É isso o que tenho feito para tentar apresentar uma espécie de mapa dos conceitos que são chaves, das noções que vão orientar a maior parte dos textos. É necessário tentar perceber o movimento que é feito para se chegar a um conceito.

Vamos pegar um outro conceito, o conceito de "campo". Este é um conceito lançado como uma espécie de lente interpretativa e que vai se multiplicando: campo econômico, campo social, campo político, campo do poder... E, isso, recorrendo a uma maneira de pensar e de compreender o pensamento do autor relacionalmente. Não dá para pensar em *campo* sem os seus capitais, os quais, inclusive, vêm se multiplicando em termos

de novos capitais, como continuam fazendo os pesquisadores, colaboradores-seguidores de Bourdieu. Campo, capital e *habitus*: essa triangulação é fundamental, e inseparável. Os outros conceitos, como "distinção e violência simbólica", por exemplo, são conceitos que podem ser agregados, mas essa triangulação: campo, *habitus*, capitais, se utilizar de forma separada, não se entende nada, porque se compõem na relação.

A cartografia tem portanto a intenção de mostrar algumas linhas gerais que permitem situar o autor e a sua teoria sendo fundamental para qualquer um que pretenda estudar Bourdieu. Esse, para mim, seria, realmente, o início: entender onde ele ancora a sua teoria sociológica e a sua teoria das práticas sociais. E ele a apoia sobre dois pilares: lógicas de dominação e estratégias de reprodução sociais, ou seja, não adianta ler a teoria sociológica de Bourdieu sem partir dessa intenção, que é o pano de fundo da construção de toda a sua base reflexiva, que justifica todo esse esforço teórico-político.

Só vale a pena fazer sociologia quando se tem em vista desvelar as lógicas de dominação e as estratégias de reprodução sociais. Estabelecendo a relação entre essas duas noções, conseguimos perceber os conceitos que vão sendo desenvolvidos. Essa é a questão que trato em meu texto: "A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável" (2007), pois as ideias puras não existem. Ora, se você quer compreender essa relação entre dominação e reprodução, você não pode se ancorar numa única teoria, em uma única abordagem teórica, sua compreensão ficaria fragmentada. Suas ideias se desenvolveram no contexto dos anos de 1960, na França, em que o mundo acadêmico no campo das Ciências Humanas e Sociais, mas não apenas, estava dividido entre três escolas: escola durkheimiana, escola weberiana e escola marxista. Isso significava que um pesquisador tinha que fazer uma escolha: ele tinha que se filiar a uma dessas escolas. E isso supunha se opor às demais. Essa, eu considero, a maior virada que Bourdieu oferece no campo das Ciências Humanas e Sociais. Ele promove, realmente, uma ruptura epistemológica, abraçando as três perspectivas teóricas, para tentar estabelecer esse modo de pensar relacional e desenvolver os seus conceitos, as suas interpretações, os seus argumentos. Então, essa articulação é fundamental, é extremamente importante, ela rejeita as oposições entre individualismo e coletivismo, entre indivíduo e sociedade, entre objetivismo e subjetivismo. Desse modo, ele foge de todas as oposições que estavam colocadas no campo científico e cria o conceito de *habitus*, que pretende estabelecer essa relação. Existem as estruturas sociais que produzem sujeitos. Sujeitos são seres sujeitados. Não existe sujeito crítico na perspectiva bourdieusiana. O sujeito é alguém que é submetido, sujeitado a uma determinada ordem social.

Em outras palavras, as estruturas objetivas atuam sobre as estruturas mentais, interferem nos agentes, nas pessoas, diretamente nos indivíduos, em cada um de nós. Vejo o *habitus* como uma espécie de fio de ligação entre estruturas objetivas e estruturas mentais. Quando compreendemos essas dimensões, a que me referi, de forma simplificada

chamando de cartografia da obra, fica fácil, inclusive, definir uma espécie de agenda de leitura da obra de Bourdieu.

Sobre o que você mencionou acerca dessa sala com as pessoas sentadas em vários espaços, tentando participar do momento com Bourdieu, gostaríamos que você mencionasse sobre o fenômeno Bourdieu na França: Bourdieu no cinema, Bourdieu falando nas rádios. O quanto ele consegue romper com a ideia da academia enquanto um espaço voltado para um público específico?

Temos a possibilidade de marcar, muito claramente, essa ruptura de um Bourdieu acadêmico fechado na sua torre marfim - expressão que ele mesmo utilizava, que era a forma com que as Ciências Humanas e Sociais atuavam, produzindo conhecimentos dentro de laboratórios - para um Bourdieu que abraça a dimensão política. Ou seja, de um acadêmico que, num determinado momento, abraça a dimensão política. Você percebe isso no meu texto mencionado anteriormente (Valle, 2007). Esse processo se dá, de forma muito específica, nos anos 1990, quando Bourdieu se irrita com a força e a perversidade do neoliberalismo que estava entrando na França, no final dos anos 1970 aos anos 1990, e provoca uma mudança bastante radical na sua forma de produzir pesquisa, não do ponto de vista do rigor teórico-metodológico, esse foi sempre mantido, mas do ponto de vista da maneira de interagir com a mídia, com as outras formas não acadêmicas do espaço público, e publica a "A miséria do mundo" (1993), que completou, em 2023, os seus trinta anos. Inclusive, já estamos com um livro pronto para ser publicado em homenagem a esta espetacular obra, aprovado pela editora da Universidade Federal da Bahia; um livro de alguns dos nossos orientandos da pós-graduação em Educação da UFSC, dos meus orientandos, que será lançado no início de 2024.

O livro "A miséria do mundo" é uma obra extremamente importante, pois estabelece uma fronteira na trajetória acadêmica de Bourdieu, não de um Bourdieu, como eu já disse, que abandona a academia, mas que acrescenta, em sua trajetória de forma muito mais efetiva, a dimensão política, que não era comum entre os intelectuais franceses e europeus de um modo geral. Essa é uma obra que reafirma mais uma vez a ruptura epistemológica. Os anos de 1960 e 1970 são anos de ruptura para vários campos, para vários pensadores, e Bourdieu direciona as armas do neoliberalismo contra o próprio neoliberalismo. Ele vai tentar fazer isso em "A miséria do mundo", que aparece como uma obra central a partir da qual viriam muitas outras até a sua morte.

Para sintetizar, talvez eu possa dizer que os anos de 1990 põem em evidência sua motivação: levar a efeito a relação entre dominação e reprodução como finalidade da Sociologia em geral, da Sociologia da Educação em particular. Pois, justamente, o campo educacional é considerado, por Bourdieu, o maior reprodutor da ordem social, o reprodutor por excelência da ordem social dominante. O foco, aqui, está no contexto neoliberal e na relação que ele promovia entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais. Por meio do

conceito de *habitus*, Bourdieu vai fazer um movimento procurando buscar nos agentes suas múltiplas formas de sofrimento, sendo a maioria invisível social e politicamente. São muitos agentes: professores, moradores de rua, tudo o que se possa imaginar, indistintamente. Não se trata de um grupo específico. São 182 entrevistas realizadas por um grupo imenso de pesquisadores. Na obra "A miséria do mundo", penso que tem umas 60 entrevistas publicadas, mas talvez muito mais. E o que ele vai perceber é a face perversa do neoliberalismo. Bourdieu faleceu em 2002 e o neoliberalismo continua nos aterrorizando, inclusive na França, porque esse projeto nefasto foi abraçado pela extrema direita e articulado mundialmente (globalmente). Temos, aí, o resultado recente das eleições presidenciais na Argentina, que é assustador. E sabemos muito bem como isso é assustador, porque ainda nem conseguimos sair da experiência tão trágica e catastrófica que foram esses últimos anos da política brasileira.

Assim, ele se volta e, na verdade, concentra todos os seus esforços para enfrentar o neoliberalismo nos anos 1990, para mostrar todo o engajamento midiático nesse projeto. A mídia é, na perspectiva de Bourdieu, a maior parceira dessa barbaridade que é o modelo neoliberal, a ideologia neoliberal, que prioriza, em todas as suas dimensões, o capital econômico, o lucro de alguns, e descarta o resto da população. Todo o restante da população é descartável. E, pior, esse descarte é feito com uma conivência, geralmente inconsciente, das vítimas do próprio modelo. Neste ponto fundamental, a teoria nos ajuda. Portanto, foi nisso que ele acabou centrando toda a sua força, toda a sua energia de pesquisa, de sociólogo, envolvendo os seus colaboradores durante a década de 1990, sem perder de vista a importância da sua produção epistemológica. Bourdieu publicou, em 1997, "Meditações pascalianas", uma obra de fôlego que tivemos que ler umas três vezes, aqui, no nosso grupo de pesquisa, para poder compreendê-la um pouco melhor. É um "tijolo epistemológico", pois concentra todos os conceitos que ele vinha desenhando ao longo do tempo. Se quiserem ler uma obra acabada de Bourdieu, é essa obra: "Meditações pascalianas". Nela estão todos os conceitos que foram elaborados desde os anos de 1960, que já apareciam em "Os herdeiros" (1964) e mesmo em artigos anteriores.

"A miséria do mundo" é o coroamento, realmente, da carreira acadêmica de um grande cientista social que passeia em diferentes "campos" e se dedica a estudos com temáticas diversificadas, em relação àquelas que sempre mobilizou para produzir as suas concepções de diferentes perspectivas teórico-epistemológicas. A obra de Bourdieu contribui para as mais diversas áreas, como o campo jurídico, com textos que nós, da Educação, geralmente não lemos, e que são fantásticos. Eles ilustram, inclusive, a experiência que vivemos recentemente em termos da utilização do campo jurídico como uma ferramenta política, como uma ferramenta de poder, como uma ferramenta de exclusão, como uma ferramenta de confirmação do poder de dominação de um grupo social específico.

Poderias falar, também, a respeito dos possíveis limites da obra de Pierre Bourdieu? Das críticas que ele sofre e sofreu em sua trajetória?

A trajetória de Bourdieu sempre se colocou na contramão, inclusive, do campo acadêmico, propondo um novo *modus operandi*. Eu gosto de mencionar quatro obras, voltadas especialmente ao campo da Educação. Primeiramente, a obra publicada em 1964, em parceria com o Jean-Claude Passeron: "Os herdeiros". O título já é revolucionário. Nela eles esboçam o conceito de capital cultural. É o primeiro momento que o mesmo é apresentado e confirmado empiricamente. Depois, esse conceito vai ser melhor apresentado em "A Reprodução" (1970). Mas, em "Os herdeiros", eles já o esboçaram, ao fazer uma pesquisa de grande densidade, ao mostrar como é possível um sistema de ensino que se propaga como o mais democrático do mundo, como era o caso do sistema de ensino francês, colocando-se como modelo, acolher apenas 4% dos filhos de agricultores e de operários na sua universidade mais prestigiada (A Sorbonne). Que democracia era essa? Eles vão falar de herdeiros não por meio de uma visão unicamente econômica, de herdeiros portadores do "capital econômico", mas sobretudo de herdeiros detentores de "capital cultural". Só o título da obra já é impactante. Não é por acaso que essa obra vira uma espécie de manifesto nos movimentos de "Maio de 1968".

Na obra seguinte, "A Reprodução" (1970), também em parceria com Jean-Claude Passeron, são apresentadas algumas indagações incômodas, porque constroem o conceito de violência simbólica na sua relação com o capital cultural. A escola produz violência simbólica, como assim? Que história é essa de violência simbólica? Como uma escola meritocrática dedicada à justiça social e que prometeu a mobilidade social, indistintamente, somente reproduz? Vejam! Os títulos são extremamente impactantes. trata-se de teses que já estão contempladas no próprio título. Essa publicação é lançada no quadro das ideias veiculadas em Maio de 1968. É claro que essa obra desgostou enormemente os professores. Os professores produzem violência simbólica? É essa formulação de violência simbólica que incomoda, porque violência é violência. Como uma violência pode não ser violenta? E eles afirmam que se trata de uma violência doce. Esse é o caso da violência simbólica pois conta com a convivência dos violentados. Então, é uma tese extremamente impactante.

Depois, em relação ao mundo intelectual, se tem o "Homo academicus" (1984). O título "Homo academicus" é um jogo de palavras de uma espécie de analogia indireta, e considerada perversa, com o *homo economicus*. O que Bourdieu vai dizer é que grande parte dos intelectuais da Sorbonne age por interesses próprios, tentando mostrar, e convencer, que o seu interesse é um interesse desinteressado. Bourdieu criticou os benefícios, os privilégios que esses professores sabiam usufruir (consciente ou inconscientemente) na experiência do mundo intelectual.

E "A nobreza de Estado" (1989), última obra que chamo à atenção de vocês, porque, para mim, essas são as quatro obras principais para se estudar o campo educacional. "A nobreza de Estado", obra de 1989, ainda não traduzida para o português. É outra obra de confronto com o poder dominante francês publicada no momento em que a França toda estava mobilizada para comemorar os duzentos anos da Revolução Francesa, que teria, em tese, suprimido a nobreza. A obra vem para dizer: não, a nobreza só se ressignificou, agora é produzida pelas instituições educacionais, que são as que têm maior prestígio. Nela Bourdieu vai construir a noção de "escolas de elite", mas também de "racismo da inteligência". Assim, vejamos que, nessas quatro obras, vamos encontrar um Bourdieu político, mas um Bourdieu político que trabalhava a partir de uma dimensão extremamente acadêmica.

Suas obras, e de seus colaboradores, não tinham impacto no mundo social, no espaço público; elas tinham impacto apenas no mundo acadêmico, e é por isso que "A miséria do mundo", de 1993, vai interessar à mídia. Talvez, porque a crítica maior seja sobre a própria mídia, sobre o jornalismo em geral, defensor do projeto neoliberal. As demais obras, que têm uma densidade acadêmica, embora apresentem uma intencionalidade política de confronto e de enfrentamento, não tiveram a mesma repercussão. E uma outra obra, que não faz parte desse bloco do campo educacional, mas que sempre interessa enormemente ao campo educacional, é "A dominação masculina". E vejam que coisa mais paradoxal: a dominação masculina é a denúncia da dominação do homem no mundo moderno, nos tempos modernos de uma sociedade moderna e democrática. Essa obra descontenta enormemente o movimento feminista francês. Então, vejam que paradoxal! O movimento feminista leu a obra e considerou que nela Bourdieu "culpa as vítimas, queima as vítimas", porque vai falar, novamente, que se existe uma dominação masculina é porque existe uma convivência das mulheres, senão essa relação de dominação não seria possível. Certamente, essa convivência não é uma escolha deliberada para o sociólogo. Mas, para essa interpretação crítica, é preciso conhecer e compreender a fundo o conceito de *habitus*, visando perceber que são essas estruturas objetivas que foram inculcadas, estão incorporadas, estão no corpo dos agentes (*hexis* corporal).

Enfim, vejam: são obras cuja dimensão é extremamente forte, impactante, e que trazem, para nós, um Bourdieu atual e contemporâneo, porque continuamos vivendo/enfrentando essas experiências de injustiça social, de desigualdade social nos mesmos termos do período em que ele viveu e, muito mais, porque vivemos numa sociedade onde as desigualdades são muito maiores e diversificadas, portanto, todas as perversidades e os ataques contra a cidadania têm uma força que é ainda muito maior.

Nos encaminhando para a etapa final, poderias nos falar sobre sua trajetória entre Paris e o Brasil, trazendo essas discussões dentro de um descentramento que se coloca fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, cenário que oferece maior visibilidade. Estamos falando acerca

de uma intensa produção acadêmica, um protagonismo para além da tradução das obras de Pierre Bourdieu, um protagonismo feminino. Poderias colocar sobre as dificuldades inerentes a esse intenso trabalho no campo da Sociologia da Educação e da História da Educação?

Em linhas gerais, eu acabei colocando um pouco disso. Eu vou destacar apenas um ponto que acho que não ficou contemplado na minha fala. Nós não podemos perder de vista que estamos na periferia do capitalismo brasileiro, mesmo vivendo num Estado altamente industrializado. O protagonismo desses Estados (eu acrescentaria Minas Gerais), sabemos, é um protagonismo histórico, e com força política histórica (política e academicamente). Estamos na periferia desse capitalismo e desse capitalismo intelectualizado. O movimento de romper, vamos dizer assim, penetrar nesses esquemas tão poderosos dentro da produção do pensamento brasileiro, centrado, principalmente, nesses Estados, só se deu pela expansão dos nossos cursos de pós-graduação. Bom, não haveria outra forma. No momento em que se conseguiu expandir os nossos programas de pós-graduação, atraímos outros pesquisadores, outras oportunidades formativas, outras temáticas e fomos conquistando espaços nessa triangulação de poder, aqui referida especialmente à dimensão intelectual e científica brasileira.

Bom, eu não quero falar do que enfrentei, porque acho que é o que enfrentam todos os que estão na periferia do capitalismo e do capitalismo intelectualizado, ou, no dizer de Bourdieu, são dominados entre os dominantes. Sempre temos mais dificuldades de publicar artigos, mais dificuldades para conseguir financiamento para as pesquisas, para estabelecer os intercâmbios internacionais. As nossas editoras não são as grandes editoras nacionais e isso precisamos ser capazes de compreender "bourdieusianamente". Não justificar, mas compreender. É assim que as coisas funcionam. Esse cerco de poder é quase que uma espécie de propriedade do pensamento. Não sei se esse é um bom termo. Mas tenho clareza de que os nossos programas de pós-graduação abriram espaços para que tenhamos, atualmente, uma condição bem diferenciada, e eu certamente me beneficieei dela. Também tenho a vantagem de trabalhar num programa de pós-graduação reconhecido e com uma editora (alguns anos com essa perspectiva de priorizar obras de grandes autores e de possibilitar as traduções).

A tradução custa muito caro pelos direitos autorais, então todas as nossas traduções são fruto de uma negociação com a editora, sem custos de serviço de tradução, porque esse também é um serviço muito caro. Isso permite que as obras saiam por um preço acessível ao mundo acadêmico, aos nossos alunos, porque essa é a intenção. Se a editora for pagar todos os custos, inclusive os custos de tradução, a obra fica inviável. Conseguimos uma negociação razoável apenas porque se trata de uma editora que acolhe esse projeto, que se esforça. Já são três livros publicados de Bourdieu, assim como coletâneas de artigos seus. Sobre "A miséria do mundo" vamos publicar pela editora da Universidade Federal da Bahia, que também é uma editora universitária. Com editoras

comerciais, não tenho conseguido trabalhar. Eu tive uma experiência com uma grande editora muito decepcionante. Enquanto eu estou preocupada em fazer a obra circular por um preço o possível mais acessível, as editoras comerciais não. Não vou criticá-las, aqui, faz parte da lógica do capitalismo. Por essa razão, os interesses são muito distintos.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. (Dir.). **A miséria do mundo**. Petrópolis. Vozes. 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'État; grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Manet**. Une révolution symbolique. Paris: Raisons d'agir/Seuil, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l'art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

VALLE, Ione Ribeiro; VALLE, Nilton. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. (Tradução/Livro).

VALLE, Ione Ribeiro; VALLE, Nilton. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. (Tradução/Livro).

VALLE, Ione Ribeiro. **A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: Uma irradiação incontestável**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 33, p. 117-134, 2007.

VALLE, Ione Ribeiro. **Jupira entre dois mundos: os limites do projeto civilizador e a construção de masculinidades**. Belo Horizonte: Caravana, 2022.

VALLE, Ione Ribeiro. **Jupira, de Bernardo Guimarães: genres en transition**. 1. ed. Republic ok Moldova: Éditions Universitaires Européennes, 2023..